



ARTIGO/DOSSIÊ

A NOITE DOS CRISTAIS, DE LUÍS FULANO DE TAL: DISCURSOS AFRO-BRASILEIROS NA LITERATURA JUVENIL

ANDRÉIA F. M. CUNHA
LARISSA WARZOCHA
RENATA ROCHA RIBEIRO

Andréia F. M. Cunha

Doutora em Letras, pela Universidade Federal de Goiás.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7376687602806187>.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1618-5436>.
E-mail: andreiamols@gmail.com.

Larissa Warzocha

Pós-doutoranda em Literatura, pela Universidade Federal de Uberlândia.
Pós-doutora em Literatura, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho campus Assis.
Doutora em Letras, pela Universidade Federal de Goiás.
Professora da Universidade Federal de Goiás.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5139437648019389>.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8386-9868>.
E-mail: larissacruvinel@ufg.br.

Renata Rocha Ribeiro

Pós-doutorado em Literatura, pela Università Degli Studi Gabriele d'Annunzio.
Pós-doutorado em Literatura, pela Universidade Federal de Minas Gerais.
Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-

graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

Professora da Universidade Federal de Goiás.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9766358738375689>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1714-3182>.

E-mail: renatarribeiro@ufg.br.

Resumo: A novela juvenil *A noite dos cristais* (1999), de Luís Fulano de Tal, trata as tensões sociais concernentes à escravidão no Brasil na primeira metade do século XIX e os seus reflexos na contemporaneidade. A cidade de Salvador é perscrutada sob a ótica de Gonçalo, um menino negro que nasce livre, mas que será escravizado de forma arbitrária pelos desmandos das autoridades de sua época, e também sob a ótica de um narrador que se situa em 1995, “Ano Trezentos da Luta de Zumbi dos Palmares”. Assim, este trabalho pretende analisar os percalços dos dois narradores da novela, ambos marcados pelo estigma do preconceito racial. Os estudos de Eliane Debus (2018), Jesebeabe Mendonça Calixto (2023), Uruguay Cortazzo (2018), entre outros, serão convocados para problematizar as representações do negro na literatura juvenil.

Palavras-chave: *A noite dos cristais*. Luís Fernando de Tal. Literatura juvenil. Escravidão. Revolta dos Malês. Preconceito racial.

Abstract: The youth novel *A noite dos cristais* (1999), by Luís Fulano de Tal, deals with the social tensions surrounding slavery in Brazil in the first half of the 19th century and their repercussions today. The city of Salvador is scrutinized from the point of view of Gonçalo, a black boy who is born free but is arbitrarily enslaved by the authorities of his time, and also from the point of view of a narrator who is situated in 1995, the “Three Hundredth Year of Zumbi dos Palmares’ Struggle”. Thus, this work aims to analyze the mishaps of the two narrators of the novel, both marked by the stigma of racial prejudice. Studies by Eliane Debus (2018), Jesebeabe Mendonça Calixto (2023), Uruguay Cortazzo

(2018), among others, will be used to problematize the representations of black people in youth literature.

Keywords: *A noite dos cristais*. Luís Fernando de Tal. Youth literature. Slavery. Revolt of the Malês. Racial prejudice.

INTRODUÇÃO: AUTOR, OBRA E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A noite dos cristais(1999), de Luís Fulano de Tal, pseudônimo de Luiz Carlos Santana, recebeu o prêmio autor revelação “Orígenes Lessa” (2000) e o selo “Livro Altamente Recomendado para o Público Infanto-juvenil”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ,2000). A novela também foi selecionada pelo Programa Nacional do Livro Didático (2000), do Ministério da Educação, para compor os acervos das bibliotecas das escolas públicas brasileiras.

Em entrevista realizada por Laís Maíra Ferreira, o escritor explica a adoção do pseudônimo:

Fulano de Tal é um pseudônimo que era usado por pobres em geral e escravos que não tinham direito a um nome completo como eu e você temos hoje. Meu sobrenome é Santana. Mas poderia ser Camargo, Paulino, Souza ou qualquer um desses aí. Não muda. Como homem negro, a situação não muda de acordo com o nome da família. Para mim é indiferente ser Santana ou Moreira. Continuo como cidadão de terceira categoria, e sem os direitos fundamentais da pessoa. (TAL, 2020, s.p.)

O autor, ironicamente, problematiza a relação entre passado e presente no Brasil, uma vez que nosso passado escravagista ainda hoje, séculos depois, impõe aos negros brasileiros a reputação de cidadãos “de terceira categoria”, nos termos do próprio escritor em questão.

Prefaciada por Eduardo de Almeida Navarro (2015, p. 9), que julga o livro como possuidor do “sabor da África”, de cujas linhas “ressumam a revolta e a indignação”, mas que também exalam “a maior força do mundo”, ou seja, o amor. A narrativa de Luís Fulano de Tal é antecedida por uma nota do autor intitulada “Ledor”. Nela, o escritor informa que o livro foi “concebido, gerado e parido no CRUSP¹. A pesquisa foi feita entre junho e dezembro, no vácuo da greve dos professores de 93. De janeiro a março de 94, em pleno verão, escrevi o libelo” (TAL, 2015, p.11). Embora tenha recebido o prêmio “Programa Nascente”² em 1995, a obra só foi publicada em uma edição profissional em 1999. O escritor evidencia, de forma irônica, as dificuldades encontradas para a inserção de escritores iniciantes no mercado editorial, a partir de sua própria experiência, ao sugerir que precisou fundar sua própria associação: “Foi fundada a Associação dos Ilustríssimos Escritores Desconhecidos, ou o Grupo dos Sujos” (TAL, 2015, p. 11).

Sucedendo a seção “Ledor”, ainda há, como epígrafe, versos de Birago Diop³. O poema trata da memória dos antepassados, mostrando que eles, mesmo mortos, “não estão debaixo da terra”, mas continuam vivos nos movimentos da natureza e nos seus

1 CRUSP: Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. É a moradia estudantil desta universidade, cuja responsabilidade é da Coordenadoria Vida no Campus, da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP). Disponível em: <https://prip.usp.br/boas-vindas-ao-crusp/>.

2 Prêmio concedido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, com o objetivo de dar destaque para artistas de vários campos, como: literatura, design, artes visuais, artes cênicas.

3 “O poeta e contador de histórias africano francófono Birago Diop nasceu nos arredores de Dakar, Senegal, em 1906. Incentivado por sua família desde jovem a perseguir suas aspirações literárias e acadêmicas, ele se formou no Lycée Faidherbe em Saint-Louis, Senegal, antes de se mudar para a França para cursar medicina veterinária na Universidade de Toulouse. Em Paris, Diop encontrou muitos outros expatriados africanos, negros americanos e caribenhos e entrou no emergente movimento literário e artístico da negritude” (Original em inglês, tradução nossa.) Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/birago-diop>. Acesso em: 10 jul. 2024.

sucessores, com destaque para o “seio da mulher” e da “criança que chora”, uma referência ao (re)nascimento, à continuidade da vida naqueles que descendem dos que já se foram. Esse poema, pois, antecipa uma das bases da narrativa de Fulano de Tal, que é a memória. Logo em seguida, temos a dedicatória: “Dedico estes escritos aos excluídos, despossuídos e outros idos do Brasil”. Aqui, a ambiguidade do termo “idos” se mostra fecunda uma vez que indica, a um só tempo, o sufixo “-ido” e o substantivo “ido”. O sufixo “-ido” compõe o particípio passado dos verbos regulares terminados em “-ir” e também forma adjetivos que, a partir das escolhas anteriores do autor (“excluídos” e “despossuídos”), indicam sentidos no campo da ausência, da exclusão, da privação. Poderíamos, por exemplo, continuar a lista com: “banidos, consumidos, destruídos, desvalidos, enfraquecidos, expungidos, omitidos, oprimidos, suprimidos”. Por sua vez, o substantivo “ido” significa aquilo que já passou, o tempo passado. Desse modo, Fulano de Tal busca, com sua obra, a valorização de um passado brasileiro, o passado dos excluídos, o passado que foi omitido, vilipendiado, massacrado pela história oficial.

Ainda na entrevista a Laís Maíra Ferreira, Luís Fulano de Tal mostra os problemas encontrados por autores negros-brasileiros para conseguirem publicar suas obras: “Para a população negra no Brasil tudo é difícil, quando não impossível, ou só alcançável por gentileza, jeitinho, favor político, milagre, macumba, ou intervenção divina.” (TAL, 2020, s.p.). Ele também critica a “mesmice literária” das academias brasileiras de literatura, mais presas a uma concepção de clássico, na qual dificilmente os escritores negros se integram. O escritor defende que, na contemporaneidade, estão sendo abertas novas veredas que também precisam ser contempladas: “somos

obrigados a construir um novo normal [...] o novo normal somos nós [...] sobreviventes e proponentes dos novos caminhos [...] tendo os nomes do passado como inspiradores” (TAL, 2018, s.p.).

Essa dificuldade para uma maior inserção da autoria negro-brasileira a que Luis Fulano de Tal se refere é mascarada pelo mito da “democracia social”, desmontado por pesquisadores das Ciências Sociais a partir dos anos 1950. Edward Telles (2003), em *Racismo à brasileira*, compara a desigualdade racial dos Estados Unidos com a do Brasil. Em nosso país, a desigualdade social entre negros e branco será antes justificada por fatores econômicos. Ao analisar inúmeros dados e também as relações sociais nos âmbitos verticais e horizontais, Telles (2003) aponta que a causa da desigualdade racial brasileira é o racismo destrutivo e dissimulado que está enraizado em nossa sociedade.

Ainda sobre o ponto da “democracia social”, no campo da literatura, o escritor Luiz Ruffato (2009), no prefácio ao volume de contos intitulado *Questão de pele*, considera que

há, ainda hoje, em certos círculos intelectuais, quem defenda a existência de uma ‘democracia racial’ no Brasil, tese nascida na década de 1930 e rapidamente assimilada como ideologia nacional pela nossa tradição de governos autoritários. Essa perspectiva – que relativiza a tragédia de mais de três séculos de escravidão – sempre impediu uma discussão séria sobre a questão do preconceito de cor em nosso país. Basta observar que, mesmo a literatura, arte que busca transcender a hipocrisia, poucas vezes ousou enfrentar o tema e, quando o fez, deparou-se com a incompreensão e/ou desprezo da crítica. (2009, p. 11)

Na esteira dessa tese, Ruffato (2009) defende que o pequeno

número de escritores afrodescendentes no cânone da literatura brasileira (Machado de Assis, Cruz e Souza e Lima Barreto) indica a dificuldade que esses escritores encontraram e ainda encontram para publicar suas obras. Ao realizar um breve percurso da literatura brasileira dos séculos XIX e XX escrita e/ou protagonizada por negros, Ruffato (2009) conclui que ainda há muito a ser reparado. E destaca, nos dias atuais, a relevância de movimentos como o *Quilombhoje*, coletivo paulistano “fundado em 1980 por Oswaldo de Camargo, Paulo Colina (1950-1999), Cuti (1951-) e Abelardo Rodrigues (1952-), que busca incentivar a reflexão e a produção de uma literatura comprometida com a valorização da cultura afro-brasileira” (RUFFATO, 2009, p. 16). O coletivo publica anualmente os *Cadernos negros*, volumes de poemas e contos de autoria negra brasileira, responsável inclusive por destacar nomes como Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo e tantos outros.

Nesse livro de contos organizado e prefaciado por Ruffato (2009), há o contundente ensaio de Conceição Evaristo que serve de apresentação ao volume. Nele, Evaristo (2009) considera que a literatura,

um camposimbólico por excelência, cuja materialização se dá pela linguagem com todos os seus sistemas sógnicos e ideológicos, [...] nos oferece a oportunidade de apreensão de um imaginário construído acerca do sujeito negro na sociedade brasileira. Mesmo como fenômeno específico, percebemos um discurso literário que, coincidentemente, ao construir seus personagens negros, o faz sob a mesma ótica do pensamento e das relações raciais brasileiras, do Brasil colônia à contemporaneidade. Há ainda a forte tendência em invisibilizar o negro [...]. Se levarmos em consideração a quantidade de obras que compõe a literatura brasileira percebemos que o personagem

negro aparece bem menos como protagonista em relação ao personagem branco e surge muito mais como coadjuvante ou mesmo como antagonista do personagem central. (2009, p. 20)

Pelas afirmações de Evaristo (2009), observamos que mesmo a literatura, campo que, por servir-se de seu potencial simbólico e linguístico, poderia combater a representação da estereotipia do negro no Brasil, ainda continua a reproduzir, seja pela presença ou pela ausência, um imaginário das pessoas negras decorrentes do preconceito racial que está em nossa sociedade desde a colonização.

Assim, faz-se necessário ressoar a produção de autores e autoras negro-brasileiros que representem as pessoas negras do Brasil para além do estereótipo e do racismo. Nesse sentido é que este artigo se organiza: pretendemos analisar a novela *A noite dos cristais*, de Luís Fulano de Tal, à luz dos discursos afro-negro-brasileiros contemporâneos. Iremos, pois, comentar sobre a literatura infantil e juvenil negro-brasileira a fim de localizarmos nosso objeto nesse contexto tão importante que é a literatura destinada às crianças e jovens – espaço, entre outros, de formação de leitores e cidadãos críticos.

O CONTEXTO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL AFRO-BRASILEIRA E A NOITE DOS CRISTAIS

Se na literatura afro-brasileira destinada ao público geral o cenário ainda se mostra problemático, no campo da literatura infantil e juvenil o panorama é semelhante. A estudiosa Eliane Debus (2018a) salienta que o protagonismo negro e a cultura africana e afro-brasileira são quase inexistentes na produção literária para jovens leitores antes da década de 1970. Debus (2018a, p. 1) indica que muitas das obras

juvenis que se voltam para esses temas trazem ainda as “marcas da submissão, do serviçalismo, ou do apiedamento”. A partir de pesquisas anteriores, como as de Rosemberg (1985), que analisou obras publicadas entre os anos de 1955 e 1976; Bazzili (1999), cuja pesquisa contemplou os anos de 1975 a 1995; Oliveira (2003), que buscou obras do período de 1979 e 1989, Debus (2018a, p. 1) constata que a “personagem negra como protagonista na literatura infantil e juvenil se instaura timidamente nas décadas de 1970 e 1980, embora, em muitas produções, encontre-se ainda um discurso contraditório e, por vezes, preconceituoso”.

Debus (2012, p. 142) destaca que a aprovação da Lei 10.639, de 2003, tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos do ensino fundamental e médio. Isso foi fundamental para a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (julho/2004). Essas diretrizes posicionam a literatura como campo propício à abordagem dos temas elencados. Como resultado, as editoras têm se voltado para publicações que atendam a esse propósito.

A partir dos resultados das pesquisas que desenvolveu sobre como o negro é representado nas obras para crianças e jovens, nas quais foi realizado um levantamento de obras para jovens leitores dos catálogos de sete editoras (Ática, Companhia das Letrinhas, DCL, FTD, Paulinas, Salamandra e Scipione), Debus (2018a, p. 2) afirma:

E constatou-se que a representação de personagens negras na literatura infantil, mesmo tendo ganhado, nos últimos anos, mais espaço nas editoras, ainda ocupa um lugar muito pequeno em relação ao total de títulos. Do total de 1.785 títulos levantados, 79 trazem

personagens negras, e, das editoras investigadas, as que mais têm se dedicado sobre a temática são a DCL e a Paulinas.

A pesquisa tem continuidade com a análise dos catálogos dos anos de 2008/2009, de oito editoras (Ática, Companhia das Letrinhas, DCL, Paulinas, Scipione, Mazza, Pallas e SM). A partir desse novo levantamento, Debus (2018a, p. 2) mostra que dos 2.416 títulos publicados, somente 170 títulos “trouxeram a presença do negro, sua cultura e africanidades. Sendo assim, o investimento em livros com a temática africana e afro-brasileira no *corpus* pesquisado corresponde a 7% do total de publicações”.

A partir dos dados fornecidos, algumas considerações tornam-se óbvias: a baixa representação de personagens negras persiste. Apesar de um aumento recente, a presença de personagens negras na literatura infantil e juvenil ainda é irrisória. Poucas editoras aderiram ao projeto de publicar mais obras com personagens negras ou temáticas afro-negro-brasileiras, revelando um lento progresso na adesão às propostas apontadas pelas diretrizes educacionais. A sub-representação de negros nos livros infantis e juvenis indica que há muito a se fazer para que se crie uma cultura de valorização da identidade “brasileira” considerada em todos os seus matizes, o que contribui para perpetuar estereótipos e exclusões. Nesse sentido, *A noite dos cristais*, de Luís Fulano de Tal, ganha maior relevância. Para além de sua qualidade literária, ela desempenha um papel crucial ao preencher uma lacuna significativa decorrente da omissão sistêmica de obras que abordem temas relacionados ao negro e à formação da cultura afro-brasileira. Passemos, pois, à sua análise.

A noite dos cristais é uma narrativa que se estrutura em dois

tempos. No tempo presente há a narração de Santana, um estudante de francês e também professor que, “após quatro anos de uma economia de guerra” (TAL, 2015, p. 19) e cinco dias de viagem de ônibus, chega a Caiena, na Guiana Francesa, para conviver de forma mais intensa com a língua francesa. Recebera a sugestão de seu professor de francês, para quem o domínio de uma língua estrangeira se daria pela “convivência com seus nativos” (TAL, 2015, p. 19). A decisão de ir para Caiena resultou de dois aspectos: o financeiro e o geográfico/climático, sendo que o primeiro provavelmente tenha pesado mais: “Como não posso passear na França e nem no Canadá, fui para Caiena, nas Guianas. É mais barato, muito mais próximo e faz calor” (TAL, 2015, p. 19). Lá, ele recebe do dono da pensão onde se hospeda, o senhor Bénédicte, os manuscritos de Gonçalo Santanna, um negro escravizado que rememora sua vida de criança em Salvador, os costumes da Bahia no século XIX, a revolta dos Malês e, em decorrência dela, as dificuldades que abateram sua vida: sua família é obrigada a retornar para a África e o menino, embora anteriormente fosse livre, é vendido como escravo. Essa nova realidade o obriga a vivenciar inúmeras agruras, culminando com sua fuga dos engenhos de Pernambuco para Caiena. O senhor Bénédicte recebeu os manuscritos de seu pai, que por sua vez, conhecera Gonçalo em Caiena. Antes de morrer, o pai de Bénédicte pediu ao filho que guardasse os papéis. Como Bénédicte não teve filhos, não tinha mais ninguém no mundo, resolveu entregar o maço para Santana, seu mais novo hóspede e amigo.

Embora pertençam a tempos distintos, as duas personagens apresentam vários pontos de contato: o nome Santana, a afrodescendência, a saída da terra natal, a agressão e a violência que

sofreram devido à cor da pele. Além disso, há um espelhamento entre a história das personagens e a história de Luís Santana, autor do livro, visto que os três apresentam o mesmo sobrenome e relatam histórias de preconceito racial que perduram em diferentes tempos, como assinalado anteriormente na seção “Ledor”.

O narrador inicia seu relato escrito no presente da narrativa, em 1995, assim que retornou de Caiena. Esse é o mesmo ano em que a obra foi publicada pela primeira vez. Assim, o narrador se volta ao seu passado recente (a viagem a Caiena, da qual acabou de chegar) e uma volta ao passado de Gonçalo por meio da reconstrução literária dos manuscritos encontrados. O narrador fica poucos dias em Caiena, talvez um pouco mais de uma semana. Assim, sente uma urgência em realizar esse registro escrito pelo fato de não ter podido carregar consigo, para o Brasil, os papéis de Gonçalo: “Não tenho mais os papéis comigo, foram tirados de mim por circunstâncias alheias à minha vontade. Tentarei reproduzir com exatidão tudo o que li, algumas passagens são produtos do que a leitura reteve, outras, *a maioria, correm por conta da imaginação*” (TAL, 2015, p. 21, grifos nossos). É interessante, pois, observar que a escrita de Santana não é uma transcrição das anotações de Gonçalo, mas uma recriação. Como Santana não pode reter para si a materialidade do depoimento de Gonçalo, a única maneira de conservá-lo seria pela memória. E esse narrador não tem pudor algum de afirmar que a maioria do que ali escreve se dá pela via da imaginação, problematizando a relação entre o factual e a representação: “Assim, quem os ler poderá também fazer uma releitura a seu gosto” (TAL, 2015, p. 21). Santana se coloca no lugar do leitor que chama para si a responsabilidade tanto de interpretar o que lê quanto de transmitir essa memória de seu

antepassado. E aqui admitimos essa ascendência tanto ampla quanto específica. Ampla pelo fato de serem, Gonçalo e Santana, negros em contexto sul-americano. Específica pelo fato de haver a possibilidade de ambos manterem, entre si, algum tipo de parentesco. Essa possibilidade é aventada no processo de leitura dos manuscritos. Ao refletir sobre sua história e identidade, Santana se lembra de que seu bisavô “Manoel Santana fora um mestre de açúcar na usina Jaguaré”, onde nasceu a mãe do narrador, “o mesmo lugar que era apenas um engenho à época de Gonçalo Santanna. Ora, nosso nome de família é Santana, então, ele não poderia ser um nosso antepassado?” (TAL, 2015, p. 101).

A história de Gonçalo Santanna dura vários anos, desde sua infância na Bahia até a velhice em Caiena. Ele é escravizado quando tinha cerca de doze anos e permanece mais dez anos nos engenhos em Pernambuco. A narração também remete a tempos mais longínquos, como a captura da avó Ombutchê. Da nação nagô, ela foi capturada ainda menina, na África. A história da avó é marcada pela perda dos filhos, que são sistematicamente vendidos: “Não criava nunca seus filhos, mal começavam a andar eram tomados e vendidos. Suplicava para que não lhe fizessem aquilo, implorava, gritava, ajoelhava e se conformava” (TAL, 2015, p. 25). A situação perdura até o nascimento da última criança, a quem dá nome cristão, Flora Maria, e será a mãe de Gonçalo.

Pelo lado paterno, Gonçalo retoma a captura do pai, de nome Amaro, da nação haussá, aos dez anos de idade, na África: “Em uma madrugada foi colocado com os outros no porão de um navio, fez uma viagem de mais de sessenta dias e chegou quase morto ao Brasil” (TAL, 2015, p. 22). A escravização de Amaro e de Gonçalo

parece indicar um destino irreversível para o negro, visto que os dois são escravizados mais ou menos na mesma idade. Embora o pai de Gonçalo tenha lutado arduamente para comprar sua carta de alforria e só tenha consentido em ter um filho quando fosse liberto, o menino não foge da sina da escravidão.

Ao contrário do que é de praxe em obras juvenis, a novela não é dividida em capítulos. Os diferentes tempos e perspectivas da narrativa são destacados somente por espaçamentos, o que exige do leitor pressuposto uma participação ativa para compreender os saltos temporais. Quando o espaçamento é menor, temos os saltos temporais dentro da história de Gonçalo; já os espaçamentos maiores marcam a mudança de vozes entre um e outro. O tempo presente é narrado em primeira pessoa. O tempo passado também é narrado em primeira pessoa, mas há a justaposição de uma primeira e de uma terceira pessoa, já que o narrador conta a história de Gonçalo a partir das duas perspectivas. Assim, o foco narrativo da obra oscila entre a perspectiva do narrador e a perspectiva de Gonçalo. A obra, assim, é estruturada pela alternância das vozes de Santana e de Gonçalo (via recriação de Santana): o estudante de francês abre e fecha a narrativa, emoldurando-a, e entre esses dois momentos há, intercalados, cinco entradas de Gonçalo e outras duas do estudante.

A obra apresenta um tom descritivo e realista. As maiores atrocidades são descritas sem alarde, como se a descrição por si só já encerrasse o absurdo da cena, sem necessidade de termos rumorosos. A escolha desse estilo sóbrio pode remeter ao tom de Gonçalo, já distante no passado, ou é o tom do narrador, simples expectador dos fatos relatados. Nessa estrutura espelhada configurada pela obra, a narração lembra o discurso de um historiador, que busca ser imparcial

ao relatar os fatos. Isso pode ser observado na cena em que uma escrava que estava à venda com o seu filho e precisa assistir de forma impotente o menino ser levado sozinho por um comprador:

O proprietário livrou-a das correntes, levantou-lhe e fez com que ela saltasse e gritasse várias vezes; os gritos saíram roufenhos e miúdos, no terceiro salto, ela tombou por terra. O comprador então desviou sua atenção para o moleque. Este, um menino talvez de minha idade, impelido pelo africano, com um sorriso na carinha preta, saltava com a leveza e graça de um pássaro. [...] Levou o menino.

Então, a mãe possuída por mil demônios gritou na sua língua desconhecida, chorou convulsa, uivou e rolou pelo chão. Juntou punhados de terra que jogava sobre si mesma. O africano deu-lhe pontapés pelas costelas para que se comportasse. Ela, num choro miúdo, enfiou punhados de terra pela boca. (TAL, 2015, p. 74)

Fruto de uma densa pesquisa realizada pelo escritor, a novela juvenil apresenta uma visão complexa da vida dos escravos na primeira metade do século XIX em Salvador. Em meio a esse denso painel, a Revolta dos Malês, que ocorreu em Janeiro de 1835, em Salvador, assume destaque. Lucas Moreira Sampaio Batista (2022) esclarece que os

rebeldes que participaram da revolta advinham de diversos territórios do continente africano. E para realizar essa classificação se recorreu a elementos comuns para classificar a origem étnica, sendo que os nagôs e haussás foram os principais grupos presentes na Revolta dos Malês. A língua falada era um critério utilizado para distinguir esses grupos, os nagôs eram falantes da língua lorubá já os haussás da língua haussá. (2022, p. 11)

O escritor afirma em entrevista que a escolha do título *A noite dos cristais* remete ao episódio histórico em que os judeus foram massacrados durante a Segunda Guerra Mundial, na Alemanha Nazista, nomeado de Noite dos Cristais. Fulano de Tal mostra que o genocídio contra os povos negros continua sendo silenciado, o que faz com que se perpetuemos horrores da escravidão:

Todos sabem que a Noite dos Cristais ficou sendo a expressão que marca a noite que deu início oficial à perseguição aos judeus na Alemanha nazista da Segunda Guerra. Foi um acontecimento de lesa-humanidade, e é, felizmente, amplamente discutido e divulgado através de filmes, livros, reportagens, documentários, depoimentos, museus, centros culturais, etc. [...] etc. [...] etc. [...] E o mundo tem que conhecer e discutir todo aquele horror para que nunca mais aconteça. O holocausto com os povos negros vem acontecendo já bem antes do holocausto da guerra, e aconteceu o holocausto com os povos negros durante a Segunda Guerra, e acontece hoje e agora, desde depois da Segunda Guerra. E o mundo fica em silêncio [...] Daí o título [...]. A Noite dos Cristais. (TAL, 2018, s.p.)

Debus (2018b, p. 11) observa que o discurso colonizatório naturaliza “as atrocidades cometidas ao ‘outro’ como algo necessário ao processo de colonização”. A pesquisadora mostra que ainda há livros didáticos e literários que tratam a escravidão brasileira sem apresentar as tensões e as revoltas oriundas da insurgência dos escravizados. Assim, apresentam o

período de escravização sem trazer referência ao passado de liberdade daqueles que atravessaram o Atlântico, a experiência diaspórica dos povos africanos, bem como as inúmeras lutas travadas em solo brasileiro como insurgência à condição

humilhante em que viviam.

Por outro lado, muitas vezes a contribuição dos ancestrais fica restrita ao plano da cultura popular, no que diz respeito à comida, música e dança. Valorizar a ancestralidade africana e a tornar desejante aos seus descendentes é algo que precisa ser construído. (2018b, p. 148)

Na análise que realiza sobre a narrativa infanto-juvenil *A caixa dos segredos*, de Rogério Andrade Barbosa (2010), Debus (2018b, p. 150) considera que a retomada da Revolta dos Malês assume uma conotação importante, visto que “desconstrói a ideia de que os negros aceitaram calados a escravização em terras brasileiras, ou que os quilombos foram a única forma de manifestação de descontentamento e ou insurreição daquele período”. Sobre isso, Luís Fulano de Tal também menciona, na já citada entrevista, que no espaço escolar a resistência dos africanos é minimizada:

Nas escolas, por falta de preparo dos professores, não tocam no assunto da resistência negra, e nos falam da Princesa Izabel, A Mãezinha dos Escravos, que tinha olhos azuis, era profundamente cristã, gostava muito dos pretinhos, e assinou a Lei Áurea com uma caneta cravejada de diamantes. Rebeliões, assassinatos de senhores, suicídios, abortos, sabotagem dos trabalhos, fugas individuais, criação de mocambos e quilombos eram algumas das diversas formas de resistência. (TAL, 2023, p. 12)

O escritor Cuti (2010) mostra que uma

das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as

consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o ‘lugar’ de onde fala. (CUTI, 2010, p. 25)

Na novela juvenil, no diálogo entre Louise, uma estudante francesa branca, e Santana, ela trata os preconceitos raciais e expõe o estereótipo do corpo negro:

– Você já havia feito amor com uma branca?

– Sim, já.

– E qual a diferença?

– É que vocês têm o cabelo liso.

Perguntei o mesmo. Disse que não, que tinha desejos, mas as convenções não permitiam.

– E também porque o negro tem fama de ter o sexo muito grande.

– Agora você já sabe que não!

Rimos. Voltamos. (TAL, 2015, p. 112)

Louise fetichiza o corpo negro de Santana, pois apesar de seus “desejos”, obedecia às convenções, muito provavelmente na Europa. Ali, em Caiena, pôde ter contato com um rapaz negro brasileiro e tirar sua prova sobre a “fama” do “sexo muito grande” do homem negro. Essa hipersexualização, disfarçada de “fama”, é um dos produtos de nosso passado escravagista. Gonçalo, ao observar as lojas e armazéns de negros, narra a animalização de que eram vítimas as mulheres e os homens:

Nas mulheres, pegavam em seus peitos, arreganhavam nádegas, apalpavam ventres (grávidas eram mais

caras) e fungavam seus sexos, soltando gritinhos exorbitantes (as virgens eram disputadíssimas) [...].

Nos homens, pegavam em seus membros, torciam e apalpavam tocando os escrotos para provocar ereção. Os que tinham membros incomensuráveis eram disputados a peso de ouro. Passavam a fazer parte do seletto corpo de segurança de honoráveis homens brancos. (TAL, 2015, p. 36)

Na costura entre passado e presente, é inegável a relação entre a “fama” do homem negro e o modo como era comercializado no período escravagista. Essa herança é sofrida, literalmente, na pele e na carne do negro. O interessante é observar que Santana não se acanha e devolve a Louise o estereótipo com bom humor (“Agora você sabe que não!”), mostrando que, apesar de já ter estado com uma moça branca e que a diferença com uma moça negra não era nada (ele apenas se atém à textura do cabelo), também estava ali aproveitando o momento. De acordo com Osmundo Pinho (2004), no artigo “Qual é a identidade do homem negro?”, o corpo negro masculino é, basicamente, “corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado”, sendo, dessa forma,

decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do *plus* de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco. (2004, p. 67, grifo do autor)

Em outro momento, Santana ouve estereótipos racistas e regionais pela visão da personagem Michael, nome artístico de João Marcos, um rapaz brasileiro “magro, branco e cabeludo” (TAL, 2015,

p. 62) com quem topa na pousada uma certa noite. Michael era músico e queria, ali em Caiena, se projetar para o Caribe ou Flórida e, se tudo desse certo, gostaria de fazer carreira em Paris. Ao perguntar a Santana se ele tocava algum instrumento, recebeu uma negativa, ao que se voltou, admirado: “Mas um crioulo do teu tamanho [...] e não toca?” (TAL, 2015, p. 63). Santana tornou a dizer que não tocava. Indo por outro caminho, Michael quis saber de que lugar do Brasil era o professor, que lhe disse ser pernambucano criado em São Paulo. A resposta de Michael foi: “Você não tem fala de paraíba” (TAL, 2015, p. 63). O professor, vendo que dali apenas sairia esse tipo de preconceito racial e regional, se limitou a dizer: “Mas sou” (TAL, 2015, p. 63). Ora, como ser um homem negro e não estar relacionado a nenhum instrumento musical (em possível referência aos gêneros musicais negros), como ser pernambucano e não falar como “paraíba”? Essas reduções intolerantes, disfarçadas muitas vezes de “opinião” ou “percepção pessoal”, também são marcas vivas de nossa herança escravagista.

Uruguay Cortazzo (2018), em “Branquitude e crítica literária”, destaca que quando a voz negra surge no espaço literário, ela cria dois tipos distintos de ouvintes. Por um lado, dirige-se ao leitor branco, incentivando-o a reconhecer-se como dominador, responsável e conivente com uma história criminoso. Por outro lado, guiado pelo mito que Cortazzo(2018, p. 2) identifica como “morte e ressurreição”, dirige-se à sua própria comunidade para “praticar um duplo movimento contraditório: primeiro, destruir uma máscara imposta: a identidade de autonegação, para depois, num segundo momento, construir uma identidade desejada e criativa”.

Para o Cortazzo (2018), a visão do negro atual ainda revela uma

construção do branco, uma “ilusão” que serve apenas como negação de si mesmo. Essa visão deve morrer para haver um encontro autêntico consigo mesmo. Somente após a morte simbólica dessa identidade forjada a golpes de violência, uma nova poderá se manifestar. Esse processo envolve o resgate do tradicional tema do retorno à África, único lugar propenso à “reconquista da plenitude”, pois é lá que estão “os ancestrais primordiais”, “o antigo homem africano, o homem integral que vai insuflar-lhe a sua energia novamente” (CORTAZZO, 2018, p. 2).

Essa noção de retorno à África como um símbolo de reconquista da plenitude e da liberdade é vividamente exemplificada na narrativa pela personagem da avó de Gonçalo. Representando a ancestralidade africana, ela relembra seu passado livre em seu território natal. Segundo o narrador, “Minha avó Ombutchê era da nação nagô e de uma velhice milenar como a própria África” (TAL, 2015, p.24). Em sua velhice, ela rememora seu passado livre no território africano e o momento em que foi capturada por traficantes de escravos:

Quanto mais pensava mais revia, mais cuspiam e mais fumava. Via sempre uma menina preta como azeviche que corria nas savanas, saltando como as gazelas vermelhas. Um dia aquela menina foi buscar água no rio e nunca mais voltou. Foi laçada por dois homens, um preto que ria e bebia fartamente de uma garrafa fazendo horrendas caretas, e outro, tão estranho, com olhos de azul do céu e barbas douradas do sol. (TAL, 2015, p. 24)

Aqui, a liberdade da menina correndo nas savanas, “saltando como as gazelas vermelhas”, contrasta fortemente com a violência de sua captura, simbolizando a perda e a necessidade de retorno àquele estado de plenitude e liberdade, conforme discutido por Cortazzo

(2018). A imagem de liberdade antes da escravidão é simbolicamente associada às gazelas vermelhas, que, de acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2015, p. 464), representam a “vivacidade, velocidade, beleza, acuidade visual.” As imagens de liberdade são contrapostas ao calvário vivido pela avó como escravizada.

Quando é capturado, após fugir do engenho, Gonçalo é açoitado:

Contei até a vigésima, depois não vi mais nada.

Urros. Jogaram salmoura em minhas costas. Eu nunca havia apanhado, aquela fora a primeira pisa na minha vida.

Naquela noite sonhei que era uma gazela vermelha e que corria pelas savanas até um rio. Quando bebia, vi refletidas na água as imagens dos tangosmãos. Um preto que bebia e ria e o outro, estranho homem com barbas douradas de sol.

Passai a andar com uma canga no pescoço e arrastando uma bola de ferro. (TAL, 2015, p. 100)

No trecho que descreve o sonho de Gonçalo, após ter sido capturado, o menino recupera a memória ancestral da avó ao perder a liberdade. Quando Gonçalo, já adulto, foge novamente do engenho em Pernambuco, tem um sonho que marca seu retorno à liberdade inicial de sua avó:

Uma noite nos sentamos ao redor do fogo, o feiticeiro acendeu seu cachimbo de ervas inebriantes e nos contou estórias da criação do mundo, do nascimento das águas e das estrelas.

Naquela noite sonhei que era um raro pássaro e que lá do alto acompanhava com cantos as corridas das gazelas vermelhas. (TAL, 2015, p. 117)

Assim, o último sonho simboliza o renascimento de Gonçalo, após deixar o engenho e as terras brasileiras. A história do nascimento do mundo marca o novo começo em Caienas. O retorno à África, por meio das imagens do “raro pássaro” e das “gazelas vermelhas” remete à busca individual e coletiva das origens e da integralidade do ser, em contraponto à história forjada pelo discurso colonizatório. O desfecho da história de Santana em Caiena retoma a história de agressões sofridas por Gonçalo e por seus antepassados:

Era tarde da noite, eu ainda lia os manuscritos, de repente quatro crioulos graúdos que se diziam policiais invadiram meu quarto e me deram voz de prisão.

Assustado, perguntei:

– Mas, o que foi que eu fiz? Deve haver algum engano.

[...] Queria saber o que eram aqueles papéis, quem era Gonçalo e qual o significado daquelas escritas árabes. Expliquei tudo, mas não acreditaram em mim. Era acusado de fazer parte de uma organização árabe, e diziam, pode acreditar, que eu estava ali como espião, e que me aproximara de Louise para chegar até seu pai, e assim roubar planos e obter informações sobre lançamentos de satélites, foguetes e coisas do gênero. Expliquei-lhes milhões de vezes a minha história, e eles milhões de vezes fingiram não acreditar. [...] (TAL, 2015, p. 119)

As letras árabes serviram para incriminar Santana de forma arbitrária, da mesma forma que na primeira metade do século XIX foram as únicas provas para incriminar o pai de Gonçalo como participante da Revolta dos Malês. O narrador é expulso de Caiena. Dessa forma, as histórias do narrador, de Gonçalo e também a de Luís

Fulano de Tal, como escritor negro no Brasil contemporâneo, mostram que as consequências da escravidão perduram no tempo, o que pode ser observado no desfecho da obra, que remete ao ano de 1995: “Ano Trezentos da Luta de Zumbi dos Palmares” (TAL, 2015, p. 119).

A expulsão do narrador de Caiena marca a urgência de registro para preservar a memória e a história dos fragmentos que ele conseguiu ler antes de sua expulsão. Consciente de que as autoridades destruiriam provavelmente os manuscritos, o narrador decide escrever sobre o que leu, temendo que, se não o fizesse, o conteúdo se perderia para sempre. Essa decisão não é apenas um ato de resistência, mas também uma forma de reivindicar um lugar de memória para o que ocorreu durante o período escravagista brasileiro.

CONCLUSÃO

O resgate da Revolta dos Malês em *A noite dos cristais* serve ao propósito de marcar a resistência e protagonismo negrono Brasil do século XIX, buscando também sua conexão com o Brasil do século XXI. A ideia de transmissão se faz muito importante nesse contexto: Gonçalo escreveu suas memórias, as entregou a um amigo, que repassou ao filho e que, por sua vez, passa os papéis às mãos do estudante de francês. A revolta, embora reprimida, representa um marco significativo na luta contra a escravidão e é um ponto de partida essencial para revisitar a formação identitária dos brasileiros. Ao recuperar as atrocidades da escravidão a partir de um outro lugar, o das vítimas e o dos descendentes, a narrativa subverte a tradicional perspectiva eurocêntrica. Gonçalo, em sua trajetória, busca conexão com suas raízes e compreensão de seu lugar no mundo, representando a jornada pessoal e coletiva de muitos outros

em busca de reconhecimento e pertencimento. O estudante de francês, ao se colocar diante dos escritos de Gonçalo, atribuiu-lhe seu devido valor documental, memorial e afetivo. Segundo sua ótica, esses papéis “poderiam ajudar a estabelecer uma pista sobre negros brasileiros que fugiam do norte do país em direção às Guianas”, uma vez que “aquelas informações no Brasil eram muito restritas” (TAL, 2015, p. 101). Por outro lado, Luís Santana, o autor, no exercício da ficcionalização, não apenas dá voz a essas histórias, mas também enfrenta as barreiras institucionais e culturais que historicamente impuseram barreiras para a expressão das vozes negras. Através da literatura, ele desafia as estruturas de poder e resgata a contribuição dos negros na formação da identidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- BATISTA**, Lucas Moreira Sampaio. *A Revolta dos Malês na obra literária A Noite dos Cristais: (1835)*. 2022. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso – (Licenciatura/Bacharel em História). Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2022.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva. 27.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- CORTAZZO, Uruguay. Branquitude e Crítica Literária. In: *Revista Literafro*. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/ArtigoCortazzo1branquitudecriticaliteraria.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. A escravização africana na literatura infanto-juvenil: lendo dois títulos. In: *Currículo sem Fronteiras*. Florianópolis, n. 1, v. 12, p. 141-156, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/debus.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz*. In: *Revista Literafro*. Belo Horizonte, 2018a. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/criticas/>

ArtigoElianeDebus1culturaafricanaliteraturainfantil.pdf. Acesso em: 16 maio 2024.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2018b.

EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, Luís (Org.). *Questão de pele: contos sobre preconceito racial*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? In: *Revista Democracia Viva*. n. 22, p. 64-69, 2004.

RUFFATO, Luís. À flor da pele. In: RUFFATO, Luís (Org.). *Questão de pele: contos sobre preconceito racial*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

TAL, Luís Fulano de. *A noite dos cristais*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

TAL, Luís Fulano de. Laís Maíra Ferreira entrevista Luís Fulano de Tal. Entrevista concedida à Laís Maíra Ferreira. In: *Revista Ruído Manifesto*. 2020. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/lais-maira-ferreira-entrevista-luis-fulano-de-tal/>. Acesso em: 28 maio 2024.

TAL, Luís Fulano de. Corpo, mente e memória: por isso, escrevo. Entrevista com Luís Fulano de Tal. Concedida a Sílvio Roberto dos Santos Oliveira. In: *Revista ODEERE*. n. 1, v. 8, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/12465/7471>. Acesso em: 24 abr. 2024.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Tradução de Ana Arruda Callado, Nadjeda Rodrigues Marques e Camila Olsen. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.